



## OS ESTUDOS BRASILEIROS DE JOÃO GUIMARÃES ROSA: INCURSÕES NA BIBLIOTECA PESSOAL DO ARTISTA<sup>1</sup>

Gabriel Silva de Araujo Teixeira<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesse artigo, apresento algumas considerações sobre as influências intelectuais na construção do pensamento geográfico de João Guimarães Rosa. O interesse na questão pauta-se na característica peculiar da estética geográfica produzida pela obra literária do escritor, que situa o sertão no centro da narrativa em meio à efervescência do Brasil urbano-industrial da década de 1950 (SANTIAGO, 2017). A partir de uma análise da biblioteca pessoal de Guimarães Rosa, procurei responder a seguinte pergunta: quais foram as leituras sobre os aspectos geográficos, históricos e culturais acerca do Brasil que o autor teve contato? Em suma, a intenção foi investigar um fragmento da base intelectual por trás da estética artística. Como resultado parcial, proponho uma categorização da biblioteca, identificando os Estudos Brasileiros, subdivididos em Estudos Geográficos, Estudos Históricos e Estudos Culturais.

**Palavras-chave:** João Guimarães Rosa; acervo; pensamento geográfico; estudos brasileiros.

**Abstract:** In this article, I present some considerations about the influences in the construction of João Guimarães Rosa's intellectual thought. The interest in the issue is based on the peculiar characteristic of the geographical aesthetics of the literary work of the writer, which places the sertão at the center of the narrative in the middle of Brazil's urban-industrial effervescence in the 1950s (SANTIAGO, 2017). From an analysis of Guimarães Rosa's personal library, I was able to answer the following question: what were the readings on geographic, historical and cultural aspects about Brazil that the author had contact with? In short, the intention was to investigate a fragment of the intellectual basis behind artistic aesthetics. As a partial result, I propose a categorization of the library, identifying Brazilian Studies, subdivided into Geographical Studies, Historical Studies and Cultural Studies.

**Keywords:** João Guimarães Rosa; collection; geographic thinking; brazilian studies.

### Introdução

O escritor João Guimarães Rosa (1908-1967), considerado intérprete do Brasil<sup>3</sup>, expressou em sua obra literária uma estética geográfica que chama a atenção. Em meio à efervescência urbano-industrial da década de 1950, o autor situa o centro de sua narrativa no sertão mineiro, dando protagonismo ao mundo rural da Primeira República (SANTIAGO, 2017). Tal característica estimulou o interesse em investigar as influências intelectuais que

<sup>1</sup> Esse artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa de mestrado em desenvolvimento.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO/UERJ), gabrielgeouerj@gmail.com.

<sup>3</sup> Para Roncari (2004, p. 19), a obra de Guimarães Rosa alegoriza “a história da vida político-institucional da nossa primeira experiência republicana”. Vasconcelos (2002, p. 324) afirma que o autor “deu voz às contradições e dilaceramentos do nosso país, cuja imagem desenhou como um espaço em que o processo de modernização nunca se deu de maneira homogênea”. Bolle (2002, p. 352) chega a considerar que “a cada dia que passa, o Brasil real assemelha-se mais ao país retratado por Guimarães Rosa”.



inspiraram Guimarães Rosa e contribuíram na composição de seu pensamento geográfico sobre o país.

Os aspectos geográficos que marcam o sertão brasileiro aparecem com minúcia na prosa *rosiana*. Em *Grande Sertão: Veredas* (1956), por exemplo, a maioria das referências geográficas das terras altas do Vale do Rio São Francisco, como os acidentes topográficos, os rios, seus afluentes e as cidades, pode ser localizada com precisão na geografia real (BOLLE, 1998, p. 262). O interesse científico pela geografia levou Guimarães Rosa, inclusive, a se tornar membro da Sociedade Brasileira de Geografia em 1945. Na leitura de Passi de Moraes (2018, p. 208, grifo da autora), “o conhecimento científico tem, para o escritor, o sentido de alargar a visão e a compreensão do *cosmos* da terra” ao oferecer uma compreensão do conjunto, o que a contemplação poética sozinha não consegue.

A trajetória geográfica de Rosa é peculiar, tecida entre a origem sertaneja e o cosmopolitismo da carreira de diplomata. Nascido no ano de 1908, em Cordisburgo, no interior de Minas Gerais, muda-se para o Rio de Janeiro em 1934, quando é aprovado no concurso do Itamaraty e nomeado cônsul de terceira classe. Após quatro anos, em 1938, é nomeado cônsul-adjunto em Hamburgo, na Alemanha. Em 1942, é enviado como segundo secretário à Bogotá, Colômbia, onde fica até 1944, retornando ao Rio de Janeiro para um curto período até ser enviado, em 1948, para Paris, na França. Somente em 1951 que retorna definitivamente ao Rio de Janeiro (COSTA, 2006).

Mas, apesar do percurso pouco convencional, Guimarães Rosa foi, como dizem, um homem de seu tempo. Eventos biográficos, comenta Schwarcz (2013, p. 57), “fazem parte de um fluxo social mais vasto” e se equilibram entre imperativos individuais e coletivos. O mesmo ocorre com o pensamento geográfico que, entendido como “as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca do seu meio” (MORAES, 2005, p. 32), se transforma de acordo com as mudanças na sociedade. Daí ser útil articular a trajetória de vida à abordagem contextual proposta por Berdoulay (2017), método que permite enfatizar o peso do contexto social no discurso geográfico.

Essas breves considerações indicam como a visão de Brasil em Guimarães Rosa oscila entre pertencer a uma época e representar um olhar único, formando o que ele mesmo teria chamado de “omelete ecumênico” (ALMINO, 2018, p. 21)<sup>4</sup>; imagem que ilustra a rede de influências complexa e aleatória na qual o artista esteve inserido.

---

<sup>4</sup> Como relata Haroldo de Campos (ALMINO, 2018, p. 21), o próprio Rosa teria dito: “[...] dizem que eu fiz uma paisagem, um crepúsculo mineiro e não é nada de crepúsculo mineiro, é um crepúsculo que eu vi na Holanda,



Por essa razão, a presente pesquisa tem se limitado em explorar apenas traços dessa influência, focando em duas questões: quais os estudos brasileiros presentes na biblioteca de Guimarães Rosa? E, quais campos do conhecimento integram os estudos brasileiros do autor? Com isso, o objetivo geral é investigar as influências intelectuais na construção do pensamento geográfico de João Guimarães Rosa sobre o Brasil a partir de uma análise da sua biblioteca pessoal.

O acervo do autor está hospedado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), foi adquirido da família por meio de compra em 1973 e divide-se em arquivo e biblioteca. O arquivo é composto por documentos e correspondências pessoais, fotografias, cadernos de estudo, etc. que correspondem a um universo de aproximadamente 9.000 itens. Já a biblioteca é formada pelos cerca de 2.730 livros que o autor possuía no momento de sua morte.

Nesse artigo, como resultado parcial, apresento uma proposta de categorização dos títulos que formam a biblioteca. De maneira geral, as obras foram categorizadas do ponto de vista da temática e do autor. Relacionado à temática, a divisão foi feita em Estudos Geográficos, Estudos Históricos e Estudos Culturais; já os autores foram agrupados em círculos bibliográficos nomeados provisoriamente como Geógrafos/as e afins, Historiadores/as e afins, Exploradores-viajantes, Folcloristas e Outros.

### **Historiografia alternativa do pensamento geográfico**

Como diz Arlette Farge (2017, p.14), no arquivo “tudo se focaliza em alguns instantes de vida”, ou seja, o arquivo oferece pistas condensadas sobre a trajetória dos indivíduos. Por isso, a proposta aqui é explorar os estudos biográficos articulando-o à uma historiografia alternativa e contextual do pensamento geográfico no intento de compreender como as questões geográficas de uma época se manifestam na particularidade de uma biografia.

A noção de trajetória de vida é desenvolvida por Lilia Schwarcz (2013). A autora retoma as considerações de Pierre Bourdieu sobre a temática para apontar como o gênero biográfico pode ser pensado criticamente, gênero esse que nasceu no século XIX marcado pelo enaltecimento de figuras públicas. Por conta dessa origem, algumas dificuldades persistem como a tentação de dar unicidade e proeminência ao biografado e a criação de narrativas heroicas e sem ambivalências. O desafio é não cair na ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006), que consiste em acreditar na existência de sujeitos únicos e coerentes.

---

misturei com umas coisas que eu vi em Hamburgo, com coisas de Minas [...] as pessoas dizem que eu estou fazendo uma cena do interior de Minas, e eu estou fazendo um omelete ecumênico.”



De acordo com Schwarcz (2013, p. 56), a história escapa ao indivíduo social, “que se encontra imerso num contexto de relações que transcende sua experiência única”.

Nessa perspectiva, é preciso levar em conta não apenas as especificidades do sujeito analisado, mas também situá-lo em seu grupo e campo social. Em outras palavras, o conceito de trajetória permite traçar as relações de influência dentro de uma estrutura de poder e, ao mesmo tempo, demarcar autonomias intelectuais. Trata-se, então, do difícil malabarismo entre o particular e o coletivo; entre o individual e o social. Nas palavras da autora (SCHWARCZ, 2013, p. 57),

[...] o conceito de ‘trajetória’ implicaria objetivar as relações entre os agentes, sem deixar de lado suas forças em campo [...] a biografia independe do indivíduo, já que muitas vezes esse tem pouca consciência do campo de forças em que opera ou dos sentidos de sua ação. Eventos biográficos são acontecimentos que fazem parte de um fluxo social mais vasto [...].

São apontamentos que compõem uma crítica à ideia de história de vida como série única e linear, baseada na abstração que é o nome próprio isolado da estrutura social. O perigo nesse tipo de análise, alerta a autora, é o de cair num certo determinismo ao circunscrever o sujeito ao contexto social abrindo mão de uma análise das saídas individuais (SCHWARCZ, 2013, p. 58). Essas preocupações conduzem à noção de trajetória, entendida por Bourdieu (2006, p. 189) como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo num espaço que é ele próprio um devir), estando sujeito à incessantes transformações”.

Atenção parecida foi dada por Vicent Berdoulay ao contextualizar a geografia na história das ideias e da ciência. Em seu clássico trabalho *A Escola Francesa de Geografia*, o autor procura relacionar “o fenômeno de maturação e difusão rápida da geografia com o curto e homogêneo período correspondente da História da França” (BERDOULAY, 2017, p. 14). Entretanto, consciente da difícil tarefa que é traçar canais de influência entre a sociedade e o pensamento científico, Berdoulay elabora um método próprio.

Para isso, algumas abordagens da história da ciência passam por um “exame crítico”. A chamada “pesquisa das influências”, que “se baseia na crença em um progresso contínuo devido à acumulação de fatos, descobertas e conhecimento em cada ciência” (*Ibidem*, p. 15), é marcada por “pressupostos positivistas” e demasiadamente focada nos fatores internos do campo científico. No extremo oposto, a pesquisa do “espírito do tempo” concentrou-se em apontar a determinação do contexto na “maneira pela qual os sábios e intelectuais concebiam o mundo” (*Ibidem*, p. 17) e foi criticada por possuir “tendências tautológicas” e “fraco poder explicativo” ao realçar os fatores externos.



É na sociologia das ciências, em especial no estudo da institucionalização, que o autor encontra “um marco precioso entre fatores internos e fatores externos” (*Ibidem*, p.21). A partir dela, Berdoulay traça as “grandes linhas” do que chamou de “abordagem contextual”, baseado em duas hipóteses:

Uma delas é que existem sistemas estruturados de pensamento, ao mesmo tempo que há continuidade de certas ideias. A segunda hipótese – que não é mais exigente – é a de que não se deve estabelecer distinção ou dicotomia entre fatores internos e fatores externos da mudança científica. (BERDOULAY, 2017, p. 21)

Segue o autor explicando o seu caminho metodológico: “não se deve negligenciar nenhuma tendência geográfica, ainda que ela não tenha nenhuma posteridade” (*Ibidem*, p.21). O objetivo é não desconsiderar os insucessos em detrimento da “corrente que conseguiu se impor”. Outro ponto importante é não negligenciar as principais questões que envolvem uma sociedade em determinada época, mesmo que algumas delas pareçam não influenciar diretamente a evolução de ideias geográficas. Por último, é preciso destacar as inclinações ideológicas dos grupos intelectuais que fazem parte do campo científico.

Nesse ponto, Berdoulay (2017) propõem o conceito de “círculo de afinidades”, que pode ser entendido como um conjunto de pessoas que compartilham vínculos institucionais e ideológicos. Segundo o autor, os círculos incluem “não somente os especialistas de diversas disciplinas como os políticos ou intelectuais cujas posições sobre as questões da sociedade de uma época são conhecidas” (*Ibidem*, p. 22). A pretensão do método é identificar as afinidades intelectuais do geógrafo que ultrapassam a sua “comunidade científica imediata”. Conforme Berdoulay (2017, p. 23),

O que se torna, então, significativo para compreender o pensamento geográfico não é tanto sua relativa falta de contatos com uma comunidade de geógrafos quanto suas inclinações ideológicas, as quais os levam a entrar em interação com especialistas de outras disciplinas. A abordagem consiste, portanto, em pesquisar mais as razões da “demanda” ou da “utilização” de uma ideia do que retrair sua “influência”. Torna-se, assim, possível, por intermédio da identificação dos círculos de afinidades, captar a conjunção da lógica interna da ciência com o contexto no qual o geógrafo se encontra e de esclarecer, de maneira nova, a interação entre o pensamento geográfico e a sociedade.

Cabe destacar que a investigação de Berdoulay está voltada para a influência<sup>5</sup> do contexto social sobre o caráter temático e conceitual da disciplina geográfica (BARROS, 2020, p. 364), ou seja, a influência da sociedade sobre os fatores internos da geografia enquanto ciência. Porém, para efeito dessa pesquisa, a noção de pensamento geográfico não

---

<sup>5</sup> A discussão de Berdoulay (2017) sobre o termo ‘influência’ será aprofundada em outro momento.



está restrita ao campo científico<sup>6</sup> e sim atrelada às concepções de um escritor considerado intérprete do Brasil.

Daí a necessidade de levar em consideração historiografias alternativas da geografia produzidas por autores que têm se atentado para o saber geográfico não científico. Mariana Lamego (2013) chama a atenção para a discussão que ganhou corpo na década de 1990 sobre os diferentes modos de escrever a história da disciplina. Ao trazer a contribuição de geógrafos britânicos como David Matless, Felix Driver, Gillian Rose, Clives Barnett e David Livingstone, a autora identifica a crítica ao modelo historiográfico tradicional e a proposição para uma nova agenda<sup>7</sup> baseada na “capacidade de contestar as histórias oficiais do conhecimento” (LAMEGO, 2013, p. 14).

Nesse sentido, a pesquisa documental é fundamental para apreender a circulação desse saber geográfico por vias não oficiais. Como disse Foucault (2008, p. 147), “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito (...) Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa”. Para Farge (2017), o que torna os arquivos especiais é o fato de serem documentos que não são dirigidos intencionalmente ao público e, por isso, não tentam convencer ou transformar a “ordem dos conhecimentos” (FARGE, 2017, p. 13). Além disso, a leitura de um arquivo é capaz de provocar de imediato “um efeito de real” único, pois revela um “não dito” (*Ibidem*, p. 14).

Essa discussão teórica, no entanto, precisa ser amadurecida no sentido de elaborar uma historiografia alternativa do pensamento geográfico a partir dos estudos biográficos. São pontos em aberto que serão aprofundados no decorrer do processo de investigação. Por enquanto, penso que a noção de círculo de afinidades associado à ideia de trajetória biográfica contempla os objetivos e delimita com clareza o caminho pretendido: fazer um mapeamento de um fragmento da rede intelectual na qual Guimarães Rosa esteve inserido.

---

<sup>6</sup> Para Moraes (2005), o pensamento geográfico pode ser entendido como “um conjunto de discursos a respeito do espaço” que conformam a consciência espacial dos sujeitos e que “substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca do seu meio (desde o local ao planetário) [...]”. O pensamento geográfico é veiculado por diferentes meios, podendo emergir em vários contextos discursivos, como “[...] na imprensa, na literatura, no pensamento político, na ensaística, na pesquisa científica etc.” (MORAES, 2005, p.32).

<sup>7</sup> Matless critica a busca por uma identidade inviolável e essencial que estaria na origem da disciplina e propõe como método a genealogia de Foucault. Driver problematiza o uso de uma abordagem familiar na construção da história da geografia, expressa na noção de tradição, o que encobriria a heterogeneidade dos conhecimentos geográficos e aposta no reconhecimento do caráter diverso e fraturado da tradição geográfica. Rose chama atenção para a invisibilidade dada à prática das mulheres e indica como estratégia alternativa a explicitação da condição de *outsider* celebrando a alteridade, mas evitando o risco de uma definição essencialista (LAMEGO, 2013).



## Proposta de categorização do acervo

O levantamento das obras que pertencem à biblioteca João Guimarães Rosa foi feito por meio digital<sup>8</sup> - acessando o banco de dados bibliográficos do IEB-USP, o Dedalus. A proposta de categorização foi elaborada a partir da temática e do autor/a de cada título com o objetivo de fazer uma descrição geral e ao mesmo tempo realçar presenças intelectuais marcantes. Categorizar é, segundo Elin Jacob (2004, p. 518), “o processo de dividir o mundo em grupos de entidades onde os membros são de algum modo similares uns aos outros”. Diferente de classificar, que “envolve a atribuição ordenada e sistemática de cada entidade a uma e apenas uma classe dentro de um sistema de classes mutuamente exclusivas e não-sobrepostas” (JACOB, 2004, p. 522).

Essa diferenciação é importante, já que a classificação opera um sistema rígido de classes, enquanto a categorização é flexível e as categorias podem ser entendidas como sínteses criativas baseadas na similaridade. Como já dito, a biblioteca de Guimarães Rosa possui 2.730 títulos que foram submetidos a um processo de categorização organizado em três etapas.

Na primeira etapa, o recorte no acervo foi feito objetivando elencar os livros cuja temática estava voltada para os estudos sociais. Por isso, as buscas foram feitas no banco de dados pelos termos sociologia, cultura, folclore, história e geografia, o que resultou em um total de 456 registros. Excluindo os títulos repetidos entre os assuntos consultados, cheguei ao conjunto de 409 registros que compuseram a Planilha 1 – Estudos Sociais.

Na segunda etapa, apliquei outro recorte, desta vez procurando por obras que categorizei como estudos brasileiros - obras cujo tema é o Brasil e seus aspectos sociais, políticos, culturais, geográficos e históricos. Essa seleção, feita sobre o conjunto reunido na Planilha 1 – Estudos Sociais, foi realizada por meio da leitura do título dos livros e de resumos/resenhas que certificavam a sua temática. O resultado foi um universo de 128 registros reunidos na Planilha 2 – Estudos Brasileiros.

Na terceira etapa, me empenhei em elaborar categorias para descrever com mais detalhes o conteúdo da Planilha 2. Duas categorizações foram propostas: i) a partir da temática e baseado na Classificação Decimal Dewey (CDD)<sup>9</sup>, referência utilizada pelo banco de dados Dedalus, as categorias Estudos Geográficos, Estudos Históricos e Estudos Culturais;

---

<sup>8</sup> Até o momento de redação desse artigo o IEB esteve com o atendimento presencial suspenso devido à pandemia da covid-19.

<sup>9</sup> Para mais detalhes sobre a Classificação Decimal Dewey (CDD) consultar: NASCIMENTO, M. M. *Classificação decimal de Dewey: instruções e exercícios*. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.



ii) a partir dos autores/as, inspirado nos círculos de afinidades de Berdoulay (2017), as categorias Geógrafos/as e afins, Historiadores/as e afins, Exploradores-viajantes, Folcloristas e Outros.

Por fim, essas categorias foram entrecruzadas. Na tabela abaixo é possível observar os círculos bibliográficos (de acordo com as cores na legenda) que compõem os Estudos Geográficos. Nela aparecem, a título de exemplo, apenas os autores cujo as iniciais do nome são as letras A, B e C.

Estudos Geográficos / Círculos bibliográficos		
Autor	Título	Ano
Ab'Saber, Aziz Nacib	Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo.	1958
Abreu, Sylvio Froes	Distrito federal e seus recursos naturais.	1957
Adonias, Isa	A cartografia da região amazônica: catálogo descritivo: 1500-1961.	1963
Albuquerque, Ulysses Lins de	Moxotó brabo: aspectos histórico-sociológicos de uma região sertaneja	1960
Almeida, Fernando Flávio Marques de	Planalto centro-ocidental e pantanal Mato-Grossense.	1959
Almeida, Francisco José de Lacerda e	Diários de viagem.	1944
Almeida, Horácio de	Brejo de Areia : memórias de um município.	1958
Almeida, Lúcia Machado de	Passeio a Sabará.	1952
Barbosa, Emílio Garcia	Esboço histórico e divagações sobre Campo Grande.	1964
Barbosa, Emílio Garcia	Panoramas do sul de Mato Grosso.	1963
Barros, Wanderbilt Duarte de	Parques nacionais do Brasil.	1952
Bates, Henry Walter	O naturalista no rio Amazonas ;.	1944
Bernardes, Lysia M. C.	Planície litorânea e zona canavieira do estado do Rio de Janeiro.	1957
Burton, Richard Francis	Viagens aos planaltos do Brasil (1868).	1941
Castro, Josué de	Documentário do Nordeste.	1959
Castro, Luiz Paiva de	Guia poético da cidade do rio de janeiro.	1965
Castro, Ramiro Berbert de	Roteiro do nordeste : impressões da paraíba e de pemambuco.	1952

Legenda	
Geógrafos/as e afins	
Historiadores/as e afins	
Exploradores-viajantes	
Folcloristas	
Outros	

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

### **Biblioteca: temas e círculos bibliográficos**

Por ora, foi possível fazer um amplo levantamento quantitativo e algumas considerações qualitativas sobre o acervo. De um ponto de vista geral, a biblioteca de Guimarães Rosa é composta por 409 obras voltadas aos estudos sociais, dos quais 128 são estudos brasileiros (detalhados na tabela abaixo). Dentre esses, 65 são estudos geográficos, 35 estudos históricos e 28 estudos culturais. Os geógrafos/as e afins perfazem um conjunto de 15 autores, na categoria historiadores/as e afins são 8, exploradores-viajantes são 5 e folcloristas são 10.



<b>Biblioteca João Guimarães Rosa - Estudos Brasileiros</b>			
Referência	Categorias propostas	Nº de registros	Principais aspectos
Por tema:	Estudos Geográficos	65	Perspectiva regional (corografia; guias de excursão, relatos de viagem)
	Estudos Históricos	35	Conflitos regionais, como a Guerra de Canudos e a Guerra do Contestado; Formação de cidades; Bandeirantes; Escravidão;
	Estudos Culturais	28	Modos de vida (sertanejo; caipira; jangadeiro) e tradições regionais (folclore gaúcho; folclore baiano)
Por autor/a:	Geógrafos/as e afins	15	Profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Conselho Nacional de Geografia
	Historiadores/as e afins	8	Membros de instituições estaduais (Academia de Letras, Instituto Histórico e Geográfico)
	Exploradores-viajantes	5	Campanhas de demarcação de fronteiras e missões científicas
	Folcloristas	10	Vínculos à Sociedade Brasileira de Folclore e à Comissão Nacional de Folclore

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Em relação a data de publicação dos títulos, a década de 1950 se destaca: são 72 registros entre 1950 e 1959; na década de 1960 aparecem 51 registros; na década de 1940, são 17; na década de 1930, são 4 registros; na década de 1920, são 7; e na década 1910, são 2. A década de 1950 é o momento em que Rosa retorna ao Brasil definitivamente, depois de longos períodos no exterior à serviço da diplomacia. Portanto, esses dados podem certificar a dificuldade do escritor em manter uma biblioteca maior diante de sucessivas viagens e o seu desapego material pelos livros, uma característica apontada por Sperber (1976).

Tematicamente, predominam estudos corográficos e relatos de viagens (diários, roteiros, guias de excursão e guias turísticos) majoritariamente voltados para as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte. A região Nordeste aparece em cinco títulos diferentes – além dos locais nordestinos, como as cidades de Moxotó (PE), Paulo Afonso e Salvador (BA), Potengi (CE), Brejo de Areia e São Luís (MA); e os estados Pernambuco, Paraíba e Bahia; e o Vale do São Francisco. No Norte, ganha destaque a floresta amazônica, que aparece em três títulos; estão presentes ainda a Ilha de Marajó e o Araguaia. No Centro-Oeste, aparecem os estados de Mato Grosso e Goiás e as cidades de Cuiabá (MT) e Campo Grande (MS), também o pantanal mato-grossense. O Rio de Janeiro e o estado de Minas Gerais aparecem em quatro títulos. Localizados no Sudeste também são mencionados o Vale do Paraíba, a Serra da Mantiqueira e o Vale do Rio Doce. A referência ao Planalto do Brasil Central aparece em três títulos e o Planalto Meridional aparece em um. A planície é mencionada em um título.

A cultura é abordada a partir de estudos de tradições, que investigam as transformações e influências do meio social nos modos de vida. Predomina a perspectiva teórica do folclore.



Ainda aparecem eventos históricos como a marcha para o oeste, os bandeirantes, a escravidão, a Guerra do Contestado e a Guerra de Canudos.

Foram contabilizados 117 autores distintos, dentre os quais apenas 7 mulheres. O autor com maior número de títulos é Luís da Câmara Cascudo, que aparece em 7 registros diferentes. Em seguida, destacam-se Fernando de Azevedo, Rui Barbosa e Gustavo Barroso, com 3 registros cada. Depois, Aziz Ab'Sáber, Emilio Garcia Barbosa, Lysia Bernardes, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Mário Lacerda de Melo, Guilherme Santos Neves, Arthur Cezar Ferreira Reis, José María da Silva Paranhos Rio Branco e Maria de Alencastro Guimarães, aparecem em dois registros cada.

O círculo bibliográfico dos geógrafos/as e afins é o mais expressivo, do qual fazem parte o geomorfólogo Aziz Ab'Sáber, os geólogos Sylvio Fróes de Abreu e Fernando Flávio Marques de Almeida, o agrônomo Wanderbilt Duarte de Barros, o astrônomo e geodesta Luiz Cruls, a cartógrafa Isa Adonias e os geógrafos Lysia Bernardes, Alberto Ribeiro Lamego, Alfredo José Porto Domingues, Pierre Deffontaines, Mário Lacerda de Melo, Ney Strauch, Orlando Valverde, Pierre George e Jean Tricart. Grande parte desses profissionais possuem vínculo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e com o Conselho Nacional de Geografia.

Também foram categorizados no mesmo círculo os clássicos Euclides da Cunha e Josué de Castro que, apesar de não serem geógrafos de formação, produziram obras que contribuíram enormemente para a ciência geográfica.

Os exploradores-viajantes constituem um círculo a parte devido à especificidade no tipo de relato que deixaram registrado. Foram identificados cinco autores: Francisco José de Lacerda e Almeida, Henry Walter Bates, Richard Francis Burton, Johann Baptist Emanuel Pohl e Gabriel Soares de Sousa.

Os folcloristas compõem o segundo círculo bibliográfico mais expressivo. Fazem parte Oneyda Alvarenga, Gustavo Barroso, Luis da Camara Cascudo, J. C. Paixão. Côrtes, Manuel Diégues Júnior, Basílio de Magalhães, Augusto Meyer, Leonardo Mota, Guilherme Santos Neves e Zora Seljam. Apresentam vínculo com a Sociedade Brasileira de Folclore e a Comissão Nacional de Folclore.

O círculo de historiadores/as e afins é composto não apenas por historiadores, como Jaime Cortesão, Brasil Gerson e Horácio de Almeida, mas autores que também se destacaram como políticos e militares, como Jacob Manoel Gayoso e Almendra, Ruy Barbosa, Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho, José María da Silva Paranhos Rio Branco e Joaquim Felício



dos Santos. A maioria possui vínculo institucional com entidades estaduais, como o Instituto Histórico e Geográfico e a Academia de Letras.

Nesse percurso, identifiquei relações não tão inesperadas, mas que observadas de perto oferecem detalhes que marcarão a continuidade do processo de pesquisa. Era de se esperar, por exemplo, a proximidade com autores vinculados a instituições de Estado por conta dos cargos públicos que Rosa ocupou. Mas, é curioso notar como se destacam a presença do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e da Comissão Nacional de Folclore. Entre os estudos geográficos e culturais estão quatro títulos publicados pelo IBGE, além dos anais do 1º Congresso Nacional de Folclore e da 3º Semana Nacional de Folclore. Outros registros interessantes são as publicações de cinco guias de excursões realizadas no XVIII Congresso Internacional de Geografia, que amplia o círculo e inclui geógrafos que atuavam nas universidades, como na Universidade do Brasil, e nas associações profissionais, como a União Geográfica Internacional.

Também não surpreende o nítido interesse intelectual voltado para temáticas regionais, em especial sobre o sertão nordestino, como conflitos e tradições culturais. No entanto, chama a atenção a recorrência de livros sobre o Pantanal e a Amazônia. Entre os relatos de viagem, por exemplo, está o de Francisco José de Lacerda e Almeida, um explorador viajante enviado pela coroa portuguesa para demarcar as fronteiras do Mato Grosso com a América Espanhola; e Henry Walter Bates, naturalista que percorreu o rio Amazonas no século XIX.

### **Considerações finais**

O resultado apresentado nas páginas acima é fruto de um primeiro contato com o acervo, no qual procurei mapear densidades e fluxos preliminares na organização do discurso geográfico de Guimarães Rosa. O objetivo pretendido foi mais o de destacar presenças do que estabelecer influências sob o risco de fazê-lo de modo superficial (BERDOULAY, 2017).

A continuidade da investigação apostando em duas abordagens. Uma delas é aprofundar a análise sobre a biblioteca criando novas categorias e tornando mais claro o processo de categorização; além de fazer um levantamento das marginalias que muitas dessas obras possuem. A ideia é olhar para um conjunto menor de livros, mas que pelas marcas deixadas, sabemos que detiveram uma atenção maior do leitor Guimarães Rosa. O outro caminho é alargar a fonte de dados incluindo outros documentos, como correspondências pessoais, relatórios profissionais, fotografias, recortes de jornais, etc.

Com isso, o desafio é refletir sobre o pensamento geográfico a partir de uma trajetória biográfica levando em consideração as aleatoriedades que os sujeitos produzem de maneira



muito particular. E, dessa forma, identificar a circulação discursiva que no cotidiano conforma o retrato de um país.

### Referências bibliográficas

- ALMINO, João. Guimarães Rosa, do Sertão às fronteiras. *Revista Brasileira*, n. 96, 2018.
- BARROS, Nilson Cortez Crocia. A Escola Francesa de Geografia. *Estudos avançados*, v. 34, n. 98, 2020.
- BOLLE, Willi. O sertão como forma de pensamento. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 259-271, 1998.
- \_\_\_\_\_. Representação do povo e invenção de linguagem em Grande Sertão: Veredas. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 352-366, 1º sem. 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- COSTA, Ana Luiza Martins. Memória Seletiva – Veredas de Viator. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 20 e 21, 2006.
- FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2017.
- JACOB, Elin K. Classification and Categorization: A Difference that Makes a Difference. *Library Trends*, v. 52, n. 3, 2004.
- LAMEGO, Mariana Araujo. Dos propósitos e modos de se escrever histórias. *Terra Brasilis*, v. 2, 2013.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas. Espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.
- MORAES, Joana Passi de. Expedição a Mato Grosso, 1947: geografia, paisagem e lembrança. *Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 199-220, 2018.
- RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa*. Recife: Cepe, 2017.
- SILVA, Amanda Teixeira da. Guimarães Rosa contra a História: a evasão do tempo em “Se eu seria personagem?”. *Revista Em Perspectiva*, v. 5, n. 1, 2019.
- SCHWARCS, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, n. 24, 2013.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. Duas Cidades: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

**GEOGRAFIA**

XIV ENANPEGE  
ESPAÇO DIGITAL

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Homens provisórios. Coronelismo e jagunçagem em Grande Sertão: Veredas. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 321-333, 1º sem. 2002.

VIANA, Irma. A escrita da nação no Grande Sertão de Guimarães Rosa. *Baleia na rede*, v. 1, n. 6, ano vi, 2009.

VIOTTI, Fernando Baião. *Encenação do sujeito e indeterminação do mundo: um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores*. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.